

TECNOLOGIAS E LETRAMENTO DIGITAL: NAVEGANDO RUMO AOS DESAFIOS

TECHNOLOGIES AND DIGITAL LITERACY: SAILING TOWARDS THE CHALLENGES

Ivanda Maria Martins Silva¹

Resumo

Computadores, celulares, redes sociais, ferramentas de pesquisa e interação *on-line* são recursos utilizados pelos alunos no mundo dinâmico da cibercultura. As tecnologias da informação e comunicação estão exigindo leitores e produtores de textos ainda mais participativos. Aos textos impressos, somam-se os hipertextos e os suportes eletrônicos, que demandam diferentes estratégias de leitura e escrita. Será que a escola consegue criar espaços para as práticas de letramento digital dos alunos? Os professores precisam aprender a gerenciar as tecnologias da informação e comunicação. Ensinar com e para o uso crítico das tecnologias é função primordial da escola no processo de inclusão digital. Nesse sentido, não basta apenas usar aleatoriamente as tecnologias, sem planejamentos ou objetivos claros, mas sim transformar as relações dos sujeitos com os suportes tecnológicos. O presente trabalho discute a inserção das tecnologias na escola e apresenta contribuições para repensar o planejamento didático, considerando a diversidade de recursos tecnológicos que os professores podem utilizar na organização de situações de aprendizagem que levem o aluno a aprimorar as práticas de letramento digital.

Palavras-chave: Letramento. Leitura. Escrita. Tecnologias.

Abstract

Computers, mobile technologies, social networks, search tools and on-line interaction are resources used by students in the dynamic world of cyberculture. The information technologies and communication are demanding readers and writers even more involved. The printed texts add to the hypertexts and electronic media that require different strategies of reading and writing. Does the school can create spaces for the digital literacy practices of students? Teachers must learn to manage information technology and communication. Teaching with and for the critical use of technology is the school's primary role in the process of digital inclusion. Just using technologies without clear goals or plans is not enough. It is important transforming the relationship of subjects with technologies. This paper discusses the integration of technology in schools and presents contributions to rethink the pedagogical planning, considering many technological resources that teachers can use in the organization of learning situations that allow students to improve digital literacy practices.

Keywords: Literacy. Reading. Writing. Technology.

¹Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), professora do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Gestão em Educação a Distância da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Coordenadora do Curso de Letras (UAB) na Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia da UFRPE. E-mail: martins.ivanda@gmail.com – Recife, Pernambuco, Brasil.

INTRODUÇÃO

Celulares, computadores, *ipods*, *e-readers*, *e-books*, TV digital, *chat* vídeo, fóruns virtuais, hipertextos, redes sociais (*twitter*, *facebook*, *orkuts*, *skoob...*), *skype*, webconferências, *softwares*, jogos digitais, *second life*, *google docs*, *google talk*, *google earth*; as tecnologias vêm conquistando cada vez mais espaço na sociedade da informação. Vivemos a era da cibercultura, contexto dinâmico marcado pela interatividade, pela interconexão e pela ampliação da “inteligência coletiva” (LÉVY, 1999).

Os alunos já não aprendem mais da mesma forma diante dos atrativos da cultura digital. Fascinados pelos celulares *androids* de última geração, com acesso a jogos, vídeos, fotos, Internet, além dos deslumbramentos com os computadores mais modernos que cabem até na palma das mãos (*palmtops*, *netbooks*), crianças, jovens, adolescentes participam, na maior parte das vezes, da cibercultura como “nativos digitais” (PRENSKY, 2001). Certamente, nas escolas, eles buscam aprender a aprender por meio das mediações tecnológicas, agora muito mais atrativas que os limites do espaço físico e limitado das salas de aulas. Os muros da escola são transpostos para o turbilhão ilimitado de informações do ciberespaço, marcado pela velocidade nos fluxos de interação, pelas modernas redes sociais, pelas novas dimensões de tempo e espaço no campo da virtualidade.

As tecnologias da informação e comunicação (TIC) invadem nosso cotidiano e o ambiente escolar. As TIC podem dinamizar os processos de ensino e aprendizagem nas escolas, mas é importante considerar que a tecnologia precisa ser incorporada criticamente à organização do trabalho pedagógico. Professores e alunos redescobrem seus papéis na sociedade tecnológica, em função do redimensionamento das formas de ensinar e aprender por meio das TIC. Segundo Kenski (2007, p. 46):

Não há dúvida de que as novas tecnologias de comunicação e informação trouxeram mudanças consideráveis e positivas para a educação. Vídeos, programas educativos na televisão e no computador, sites educacionais, softwares diferenciados transformam a realidade da aula tradicional, dinamizam o espaço de ensino-aprendizagem, onde, anteriormente, predominava a lousa, o giz, o livro e a voz do professor. Para que as TICs possam trazer alterações no processo educativo, no entanto, elas precisam ser compreendidas e incorporadas pedagogicamente. Isso significa que é preciso respeitar as especificidades do ensino e da própria tecnologia para poder garantir que o seu uso, realmente faça diferença. Não basta usar a televisão ou o computador, é preciso saber usar de forma pedagogicamente correta a tecnologia escolhida.

Como afirmou Kenski (2007), as TIC precisam ser “compreendidas e incorporadas pedagogicamente” para transformar o processo educativo. Apenas o uso mecânico das TIC

nas escolas não irá garantir contextos significativos de aprendizagens. Cabe ao professor incorporar as TIC aos planejamentos didáticos, criando situações nas quais o educando consiga se apropriar criticamente da tecnologia, a fim de transformar a sua realidade.

Para Kenski (2007, p. 43-44), educação e tecnologias são indissociáveis. Segundo a autora, “usamos muitos tipos de tecnologias para aprender e saber mais e precisamos da educação para aprender e saber mais sobre tecnologias”. Considerando essa relação indissociável entre tecnologia e educação, será que, de fato, as tecnologias têm espaço garantido no ambiente escolar? Quais os papéis de docentes e discentes, diante das múltiplas potencialidades que os recursos tecnológicos proporcionam? Como a escola está motivando os alunos diante do dinamismo da cultura de imagens do mundo tecnológico? Quais os desafios dos educadores na busca de novas formas de ensino-aprendizagem de leitura e escrita em face do mundo tecnológico? Certamente as respostas para esses e outros questionamentos serão ampliadas em um futuro próximo. Mas podemos iniciar algumas reflexões, compreendendo as interconexões entre tecnologia e escola, visando refletir sobre as práticas de letramento digital.

CIBERCULTURA, TIC E ESCOLA: INTERCONEXÕES ILIMITADAS

O mundo digital, marcado pela superabundância de informações e pela rapidez nas trocas interativas entre os usuários da Internet, vem se revelando mais atrativo que o espaço fechado e limitado de sala de aula. O universo da *web* torna-se ilimitado e os alunos percebem a potencialidade significativa das TIC em diversos campos do conhecimento, tendo em vista o cenário dinâmico da cibercultura (LÉVY, 1999).

O ciberespaço está revolucionando as relações interpessoais e as estratégias de interação *on-line*. A proliferação de redes sociais e as novas formas de interação mediadas eletronicamente (*chat*, *chat* vídeo, webconferência, fóruns) promovem a ampliação da inteligência coletiva. No campo da educação, a inteligência coletiva consolida-se com a prática da aprendizagem colaborativa (LÉVY, 1999), na qual novas competências surgem para orientar professores e alunos na construção e reconstrução do conhecimento fora e dentro da instituição escolar.

É preciso reconhecer que o ciberespaço rompe fronteiras, promovendo novas formas de acesso à informação, bem como outras maneiras de definir o conhecimento. Os indivíduos tentam redescobrir estratégias para lidar com as tecnologias intelectuais na era cibernética. Na

perspectiva de Lévy (1999), com esse novo suporte de comunicação, surgem novos gêneros, critérios de avaliação inéditos para orientar o saber, novos atores na produção e no tratamento do conhecimento.

A Internet revela-se como novo espaço para difusão da informação, exigindo que a escola invista ainda mais em ações e projetos direcionados à construção e à socialização de conhecimentos, superando-se os limites da massificação cultural e a superficialidade da sociedade da informação. Diante do oceano de informações disponíveis na Internet, os alunos revelam-se atônitos, um pouco perdidos, quando requisitados para pesquisas escolares. É preciso que a escola promova ações para a educação no mundo da cibercultura, permitindo que alunos e professores se apropriem dos recursos tecnológicos como sujeitos críticos, capazes de transformar a simples informação da *web* em conhecimento.

Uma das ações que a escola poderia desenvolver diz respeito à construção de planejamentos didático-pedagógicos direcionados para o uso crítico dos recursos disponíveis na Internet, no sentido de apoiar a aprendizagem dos alunos na cultura digital. O quadro 1 revela algumas ferramentas que poderiam ser utilizadas pedagogicamente, a fim de motivar os educandos a pensar nas relações que estabelecem com a tecnologia dentro e fora do ambiente escolar.

QUADRO 1

Ferramentas para pesquisa na Internet²

Wikipedia: enciclopédia virtual, na qual os próprios usuários da Internet foram construindo os verbetes (isto é, as informações sobre cada entrada), de maneira voluntária. Qualquer internauta pode escrever de forma colaborativa, sem ter os mecanismos de mediação, tais como: editor, revisor, dados de autoria individualizada, entre outros. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org>

YouTube: disponibiliza gratuitamente diversos vídeos sobre os mais variados temas. O internauta pode pesquisar e copiar vídeos, bem como divulgar e compartilhar seus próprios vídeos. Disponível em: <http://br.youtube.com/>

Google Books: esta ferramenta permite pesquisas de livros completos, disponibilizados por meio de acordos entre Google e editoras. Se o livro não for protegido por direitos autorais ou se a editora conceder permissão, também é possível visualizar trechos do livro e, em alguns casos, o texto na íntegra. Disponível em: <http://books.google.com.br>

Bibliotecas Digitais e Artigos Científicos: existem também outras fontes importantes que podemos utilizar, quando estamos procurando artigos científicos. A primeira delas é o próprio Google Acadêmico, que nos permite procurar por artigos publicados em revistas e conferências científicas. Outra boa biblioteca disponível é o Scielo (www.scielo.br/), isto é, uma biblioteca eletrônica, que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros. O Google Acadêmico está disponível em: <http://scholar.google.br>

Grupos do Google: permite ao usuário encontrar rapidamente outras pessoas com os mesmos interesses, acessar informações e comunicar-se de forma rápida e fácil, por *e-mail* e pela web. O internauta pode utilizar os grupos do Google para encontrar (ou navegar) mais informações sobre

² FONTE – A autora.

assuntos diferentes. Disponível em: <http://groups.google.com.br>

Blogs: forma de publicação virtual que permite ao usuário escrever suas opiniões sobre assuntos diversificados, relatar suas experiências pessoais e profissionais. Disponível em: <http://www.blogspot.com/> WWW.weblogger.com.br

Glogster EDU: plataforma colaborativa para professores e estudantes compartilharem suas experiências, ideias, textos, imagens. Funciona como espécie de espaço colaborativo para construção de pôsteres interativos. Disponível em: <http://edu.glogster.com/>

Além de ferramentas importantes para pesquisa e comunicação na Internet, as redes sociais assumem destaque no mundo dinâmico das tecnologias. As mudanças nas estratégias de relacionamento *on-line* criam novas redes sociais que são constantemente atualizadas. Na maior parte das vezes, os internautas vão rapidamente se inserindo nos espaços sociais das redes da *web* e estabelecem novas formas de comunicação/interação, compartilhando experiências com um número cada vez mais ilimitado de usuários.

As redes sociais podem ser utilizadas com diversas finalidades, tais como: divulgar e compartilhar experiências, promover maior interação entre alunos e professores, ampliar a divulgação de informações, propiciar interações entre leitores e escritores, além de várias inúmeras possibilidades que podem ser associadas às demandas de aprendizagem dos educandos.

Certamente, nesse contexto de inovações tecnológicas, ler e escrever tornam-se atividades ainda mais requisitadas. As TIC estão exigindo leitores e produtores de textos criativos, dinâmicos e participativos, capazes de interagir com a diversidade de mídias e com a superabundância de informações do mundo digital. Computadores, celulares, TV, máquinas fotográficas digitais, redes sociais, jogos digitais estão desafiando professores e alunos em relação aos processos de ensino-aprendizagem mediados pelos dispositivos eletrônicos e pelas mídias digitais.

Como atrair os alunos para as aulas? Como motivá-los para o processo de aprendizagem no mundo fascinante das inovações tecnológicas? Esses e outros questionamentos surgem em função das demandas que a escola enfrenta em relação aos processos de aprendizagem de leitura e escrita em novos suportes tecnológicos. Aos textos impressos, somam-se os hipertextos e os suportes eletrônicos que demandam diferentes estratégias de leitura e escrita. O letramento digital surge como novo desafio para os professores que precisam planejar situações didáticas de ensino-aprendizagem, utilizando os recursos tecnológicos.

O QUE É LETRAMENTO DIGITAL?

Letramento digital é um conceito amplamente referenciado em função das crescentes demandas em relação ao desenvolvimento de competências e habilidades de leitura e escrita em novos suportes tecnológicos. Diferentes autores discutem o tema, como Marcuschi e Xavier (2004b), Buzato (2003), Soares (2002), Coscarelli (2005).

Conforme Buzato (2003, p. 3), letramento digital pode ser compreendido como: “conjunto de conhecimentos que permite às pessoas participarem nas práticas letradas mediadas por computadores e outros dispositivos eletrônicos no mundo contemporâneo.” Nesse sentido, leitores e autores assumem novos contratos comunicativos, praticando a leitura e a escrita de modo multissequencial, acessando *homepages*, ambientes virtuais e interfaces digitais, clicando nos *links* que abrem novas possibilidades de leitura, construindo *blogs*, escrevendo comentários e recados nas redes sociais, além de uma infinidade de situações que redimensionam o ler e o escrever no ciberespaço. Como observa Marinho (2001, p. 209), com as TIC, surgem textos e gêneros digitais que implicam outras práticas de leitura e escrita, em virtude da articulação de diferentes linguagens na composição de hipertextos.

Para Soares (2002), o letramento digital caracteriza certo *estado* ou *condição* que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e realizam práticas de leitura e escrita na tela, diferente do *estado* ou *condição* – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e *de escrita* no meio impresso. Ainda segundo Soares (2002), não é *apenas* a tela do computador que gera um novo tipo de letramento, mas todos os mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita e da leitura no mundo digital.

Nesse sentido, vamos refletir sobre alguns recursos que podem ser utilizados pelos professores na organização de situações didáticas de ensino-aprendizagem voltadas para as práticas de letramento digital dos educandos. Salientamos que é o processo de mediação pedagógica que poderá motivar os alunos à compreensão da leitura e da produção textual como processos de (re)construção de sentidos, nos quais autores e leitores devem reinventar seus papéis constantemente.

Salas de bate-papo (*chats*)

Os *chats* são importantes no processo de comunicação síncrona, permitindo que os participantes se comuniquem em tempo real. Podem ser utilizados dentro e fora da sala de

para motivar a comunicação entre professores e alunos. O professor pode colocar temas que incitem a curiosidade dos estudantes e ampliem as possibilidades de reflexão e debate.

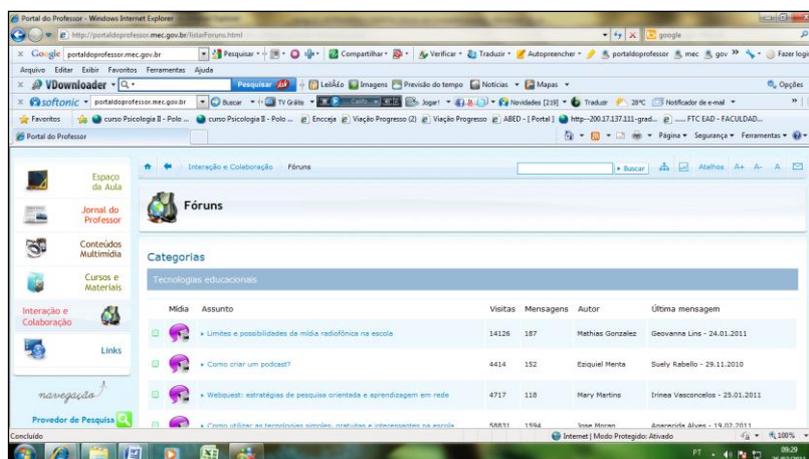


FIGURA 2 – Interface de fórum⁴

Redes sociais

A participação nas redes sociais tornou-se uma prática bastante comum na sociedade tecnológica. Novas redes surgem constantemente no ciberespaço e conquistam a adesão dos internautas interessados no dinâmico mundo de informações da Internet. A escola pode aproveitar o fascínio dos alunos diante das redes sociais, no sentido de desenvolver projetos didáticos, considerando vários temas importantes que desafiam os educandos em tempos do turbilhão digital.



FIGURA 3 – Interface de rede social – Facebook⁵

³ FONTE – Disponível em:

<<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/sala.html?rand=&sala=6&usuario=&convidado=true>>.

⁴ FONTE – Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/listarForuns.html>>.

⁵ FONTE – Disponível em: <<http://www.facebook.com>>.

Algumas das principais redes sociais disponíveis na Internet podem ser visualizadas na Quadro 2.

QUADRO 2
Redes sociais na Internet⁶

Facebook	Rede social em crescente ascensão. Permite que os internautas naveguem e mantenham contato com um número ilimitado de usuários. Os internautas podem deixar recados, organizar o mural com fotos, perfil, além de compartilhar suas ideias com a comunidade virtual. Disponível em: http://www.facebook.com
Flickr	Rede social cujo objetivo principal é compartilhar fotos com outras pessoas. Muitos fotógrafos amadores e profissionais utilizam essa rede para divulgar fotos, vídeos, notícias e também para compartilhar suas experiências. Disponível em: http://www.flickr.com
Formspring	É um programa para as pessoas realizarem perguntas. Apresenta também os seguidores (<i>followers</i>), como ocorre no Twitter. Disponível em: http://formspring.me
Fotolog	Espécie de blog que prioriza a divulgação de fotos, ou seja, funciona como um <i>fotoblog</i> . O usuário pode publicar fotos diariamente e pode escrever adicionando comentários. Disponível em: http://www.fotolog.com
Looklet	Rede social por meio da qual o internauta pode criar <i>looks</i> de moda e outras pessoas podem votar e dar suas opiniões. Muitas pessoas estão utilizando o Looklet como uma ferramenta importante para saber a opinião das pessoas sobre moda. Disponível em: http://www.looklet.com
Meadiciona	Uma das mais recentes redes de relacionamento. É uma página que reúne todas demais redes sociais. Meadiciona serve para facilitar quando alguém quiser encontrá-lo em alguma dessas redes. Disponível em: http://meadiciona.com
Skoob	Rede social sobre livros e preferências de leituras. O internauta adiciona os livros que leu, comenta, dá nota, faz resenhas, adiciona os livros que pretende ler, aqueles que abandonou, bem como os livros que deseja trocar. Disponível em: http://www.skoob.com.br

Na maioria das vezes, as escolas apenas criticam a grande quantidade de horas que os alunos se dedicam às redes sociais, como também surgem comentários pouco favoráveis em relação ao padrão de linguagem, extremamente econômico e abreviado, utilizado pelos alunos na *web*. Em lugar de ficar apenas criticando os usos que os alunos fazem das ferramentas digitais, a escola deveria se preocupar mais com o desenvolvimento de sequências didáticas e projetos voltados à educação crítica para o universo *on-line*, estimulando os alunos a se tornarem sujeitos dinâmicos no processo de inclusão digital.

Os professores podem solicitar aos alunos pesquisas sobre vários tipos de redes sociais na Internet. Os educandos terão a oportunidade de comparar as redes de relacionamento, buscar comunidades virtuais, pesquisar, por exemplo, *orkuts* de colegas da turma, *facebook*s de pessoas famosas, entre outras atividades. Após as pesquisas e os debates realizados, o professor pode auxiliar a construção de uma comunidade virtual para

⁶ FONTE – A autora.

disponibilizar informações da turma. Essa comunidade virtual pode se transformar em uma ferramenta de comunicação importante para compartilhar pesquisas, avisos, informes da turma ou da escola de modo geral. Pode-se planejar uma votação com os alunos para dar um nome à comunidade virtual, estimulando os educandos à troca de informações no ciberespaço. Essa estratégia é interessante para estimular a escrita e a leitura na Internet, bem como para promover reflexões mais críticas sobre questões éticas nas redes de relacionamento na Internet.

Para trabalhar a leitura e a produção textual, a rede social *Skoob*⁷ vem se destacando no ciberespaço como canal de interação entre os internautas que visam compartilhar as suas experiências de leitura. No Brasil, a rede *Skoob* é uma experiência similar a outras redes sociais internacionais, tais como: *Goodreads*⁸ e *Shelfari*⁹, que visam à troca de informações sobre livros, autores e obras, possibilitando a criação de estantes virtuais. Ao utilizar a rede social *Skoob*, os professores podem motivar os alunos para que cada um construa a sua estante virtual, colocando suas experiências de leituras.

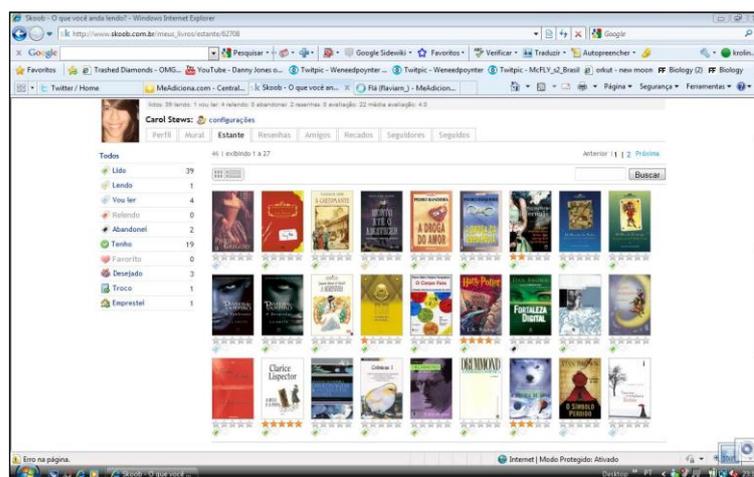


FIGURA 4 – Interface de rede social – *Skoob*¹⁰

Pode-se formar um circuito de leitores, em que cada um tenha acesso às preferências e às expectativas de leituras dos demais, evidenciando-se práticas mais interativas de leitura e escrita. Os alunos podem também elaborar resenhas dos livros lidos, no sentido de tentar persuadir outros internautas a buscarem a leitura da obra. De modo geral, a rede *Skoob* disponibiliza as seguintes ferramentas:

⁷ Disponível em: <www.skoob.com.br>.

⁸ Disponível em: <<http://www.goodreads.com/>>.

⁹ Disponível em: <<http://www.shelfari.com/>>.

¹⁰ FONTE – Disponível em: <<http://www.skoob.com.br>>.

QUADRO 3
 Ferramentas da rede social *Skoob*¹¹

 Todos	é possível apresentar todos os livros que estão listados na estante virtual do usuário.
 Lidos	o internauta pode selecionar e indicar os livros já lidos.
 Lendo	o internauta indica as leituras que está realizando no momento da publicação da informação.
 Vou ler	pode-se, também, informar as expectativas de leituras para o futuro, indicando ainda os livros que se pretende ler.
 Relendo	também os livros que o internauta está relendo são apresentados na estante virtual.
 Abandonei	indica os livros cuja leitura foi iniciada e depois interrompida.
 Tenho	indica os livros que o usuário tem em sua casa.
 Favorito	indica as leituras prediletas.
 Desejado	indica os livros que os internautas têm a intenção de obter.
 Troco	se algum internauta desejar trocar seus livros já lidos, poderá indicar na rede social, a fim de encontrar outros usuários que se interessem pelas obras.
 Emprestei	também há oportunidade de apenas emprestar o livro, se assim for indicado pelo internauta em sua estante virtual.

A classificação é indicada por meio de ícones que orientam os usuários em relação às categorias apresentadas. Como exemplo, o livro desejado aparece ao lado do ícone do presente, simbolizando as expectativas do internauta em relação às obras que deseja ler. Podemos notar que essa classificação aponta para as relações entre autores, livros e leitores, proporcionando a ampliação de uma rede de interações e trocas de experiências de leituras.

Blogs

Os *blogs* funcionam como diários virtuais, de cunho público, com várias informações autobiográficas que são disponibilizadas para qualquer internauta que tenha acesso aos *blogs* no ciberespaço. A contribuição dos leitores é muito colaborativa, por meio de recados, avisos, bilhetes, notícias, poemas, ratificando a interatividade entre os processos de leitura/escrita na *web*. A autoria compartilhada parece ser uma característica fundamental na constituição dos *blogs*, os quais se revelam como “vitrines eletrônicas”, mostrando a privacidade dos indivíduos, por meio de dados que fazem parte do cotidiano das pessoas.

Uma estratégia interessante seria motivar os alunos para a construção de *blogs*. Os alunos poderiam pesquisar na Internet as características dos *blogs* como diários virtuais e realizar comparações com os diários em meio impresso, muito usados no passado. Quais as diferenças e as semelhanças entre os *blogs* e os diários impressos? Quais os *blogs* mais visitados na Internet? Quais os temas mais recorrentes na escrita de *blogs*? Esses e outros

¹¹ FONTE – A autora.

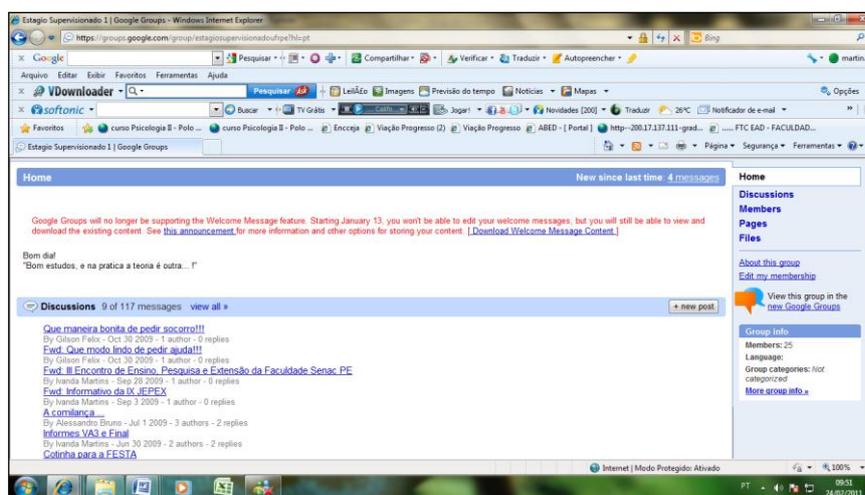
professores podem mediar as interações virtuais dos alunos via *e-mail*, como trocas de mensagens, envio de arquivos, agenda de atividades, orientações pedagógicas, gerenciamento e organização de trabalhos em grupos, além de outras ações que podem ser viabilizadas por *e-mail*.

Grupos de discussão *on-line*

Os grupos de discussão promovem a interação entre diferentes atores que refletem e discutem a partir de uma rede temática. Dependendo do tipo de gerenciamento dos grupos, os participantes podem inserir novos tópicos de discussão e compartilhar arquivos. Por meio dos grupos de discussão, podem-se elaborar portfólios, incentivando-se a aprendizagem colaborativa. Nesse sentido, os grupos de discussão podem se transformar em importantes ferramentas pedagógicas para facilitar a interatividade entre docentes e discentes.

Os grupos *on-line* são interessantes para estimular estratégias de argumentação dos alunos, por meio da participação em discussões sobre temas polêmicos. Os grupos virtuais também permitem a criação de portfólios coletivos e colaborativos, graças ao compartilhamento de arquivos disponibilizados pelos participantes dos grupos. Os professores podem utilizar os grupos de discussão para arquivar todos os materiais trabalhados em sala de aula ou nos laboratórios de informática, disponibilizando arquivos de apresentações de aulas, textos para leitura, pesquisas, vídeos, fotos, enfim, diferentes materiais e recursos midiáticos.

FIGURA 6 – Interface de grupo de discussão *on-line*¹³



¹³FONTE – Disponível em: <<https://groups.google.com/group/estagiosupervisionadofrpe?hl=pt-br>>.

Google Docs

O *Google Docs* é uma ferramenta importante para compartilhar textos, por meio de uma escrita colaborativa. Em sala de aula, o professor pode usar o *Google Docs* para motivar as práticas de leitura e escrita na tela do computador, possibilitando utilizar a ferramenta como uma espécie de *wiki*, ou seja, ferramenta de colaboração na produção textual. O *Google Docs* pode proporcionar a construção textual coletiva, motivando os alunos à produção de textos em que cada um pode ir acrescentando novas informações, no sentido de aprimorar a produção textual.

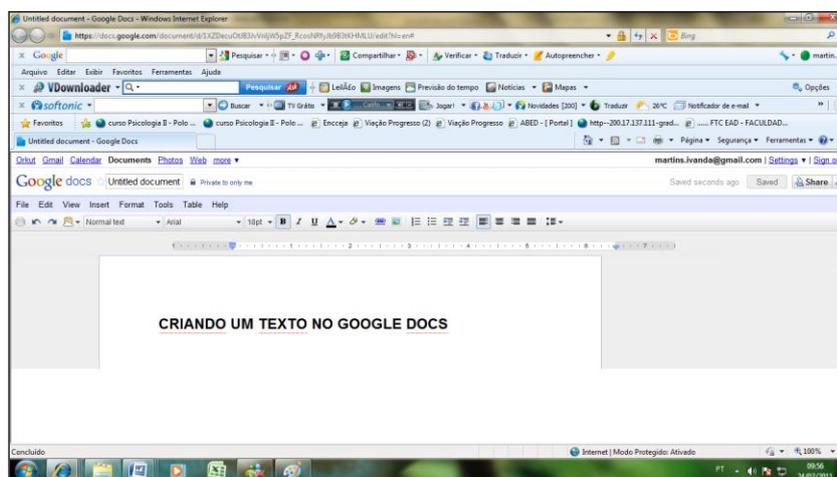


FIGURA 7 – Interface do *Google Docs*¹⁴

Celular

Muitos professores enfrentam hoje o desafio de “dar aulas” e conquistar a atenção dos alunos, diante dos atrativos celulares que filmam, fotografam, enviam torpedos, funcionam como rádios, além de outros recursos. Atualmente, o celular é a tecnologia que mais congrega outras possibilidades de vários e diferentes recursos tecnológicos. Assim, ele é um exemplo típico da convergência digital, por meio da interação de várias mídias que editam som, imagem, fotografia em um único espaço: um pequeno aparelho que vem conquistando a adesão de crianças, jovens, adultos. Comenta-se sobre o *mobile learning* (*aprendizado móvel*), ou seja, o aprendizado por meio das tecnologias e dispositivos móveis, a exemplo do celular. Empresas, escolas, universidades já estão descobrindo as facilidades de desenvolver ações educativas, usando as potencialidades dos celulares para motivar a aprendizagem.

¹⁴ FONTE – Disponível em: <<https://docs.google.com/>>.

Nas escolas, as crianças podem usar os celulares já no processo de alfabetização e no desenvolvimento das práticas de letramento digital. Usar a agenda telefônica, percebendo a ordem alfabética das palavras, identificar os nomes próprios de pessoas na agenda, buscar as datas e os horários das chamadas não atendidas, usar a calculadora, organizar a agenda, escrever mensagens rápidas, teclar ou usar a nova tecnologia *touch* para buscar as ferramentas do celular, fotografar, filmar, inserir imagens, usar Internet, interagir nas redes sociais, adicionar e selecionar músicas, enfim, as crianças podem perceber desde cedo o celular como recurso usado com finalidades pedagógicas. Muitas escolas, tradicionalmente, estão proibindo o uso de celular em sala de aula, despertando ainda mais a curiosidade dos alunos. Uma estratégia interessante seria, em lugar de proibir, incluir o celular como ferramenta de trabalho pedagógico, fazendo com que os educandos se tornem responsáveis e éticos nos usos que fazem dessa tecnologia.

Como podemos notar, são diversos os recursos que podem ser utilizados didaticamente pelos professores em sala de aula, no sentido de apoiar a aprendizagem dos alunos. É fundamental que o professor insira as TIC na organização do trabalho pedagógico, a fim de motivar o aprender a aprender mediado pela diversidade de recursos tecnológicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso considerar que as TIC estão exigindo o domínio de novas competências de leitura e escrita, fator que não pode ser desconsiderado pelos professores e pela escola. Torna-se fundamental ampliar o grau de letramento dos alunos, considerando, também, o letramento digital como novo paradigma para as práticas de leitura e escrita. Vive-se hoje a era da informação e dominar as tecnologias torna-se pré-requisito para aqueles que desejam participar ativamente da cibercultura.

Diante da explosão dos gêneros digitais, das potencialidades das redes sociais e das constantes inovações tecnológicas, a escola não pode ficar alheia a esse processo, desconhecendo que os alunos participam ativamente dessas trocas comunicativas no universo *on-line*. Nesse sentido, é preciso que a escola seja capaz de ampliar, de forma crítica, as práticas de leitura e escrita utilizadas pelos alunos em diferentes suportes e contextos de comunicação. Assim, o letramento precisa ultrapassar os muros da escola, desmistificando-se concepções escolarizadas e valorizando-se as TIC como meios motivadores para facilitar o processo de ensino-aprendizagem das práticas de leitura e escrita.

Não basta apenas ter acesso ao computador dentro ou fora da escola, mas é preciso planejar o uso crítico e eficaz dos recursos tecnológicos, visando à autonomia e à cidadania dos sujeitos. Como propôs Freire (2002, p. 37), “educar é substantivamente formar. Divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado”. Portanto, a escola deve considerar os impactos das TIC no processo de ensino-aprendizagem, tentando formar sujeitos críticos que saibam utilizar a tecnologia a serviço da transformação social.

REFERÊNCIAS

- BUZATO, M. Letramento digital abre portas para o conhecimento. **EducaRede**, 11 mar. 2003. Disponível em: <http://www.educarede.org.br/educa/html/index_busca.cfm> Acesso em: 12 jul. 2003.
- COSCARELLI, C. V; RIBEIRO (Org.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- COSTA, R. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. **Interface (Botucatu) [on-line]**, v. 9, n. 17, p. 235-248, 2005.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessário à prática educativa**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2002.
- KENSKI, V. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas; São Paulo: Papirus, 2007.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo, SP: Ed. 34, 1999.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004a.
- MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004b.
- MARINHO, M (Org.). **Ler e navegar: espaços e percursos da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- MARTELETO, R. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ci. Inf.**, v. 30, n. 1, p.71-81, 2001.
- PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants. **The Horizon**, v. 9, n. 5, 2001.

PRETTO, N.; ASSIS, A. Cultura digital e educação: redes já! In: PRETTO, N. ; SILVEIRA, S. (Org.) **Além das redes de colaboração: internet**, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008.

SILVA, E. T. et al. **A leitura nos oceanos da internet**. Campinas: Cortez, 2003.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

Recebido em: 27/03/2011
Publicado em: 13/01/2012